

A CRIAÇÃO NA FILOSOFIA COM AS CRIANÇAS

Alice Pessanha Souza de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este artigo é parte do meu trabalho final da graduação em filosofia, no qual venho pensando sobre a criação. A criação me parece ser interessante em vários aspectos e pode ser pensada de diferentes maneiras. No entanto, no presente artigo me dedico a escrever sobre a possibilidade de criação na filosofia com crianças. Pensarei nessas linhas que estão por vir o que faz com que a criação seja possível em escolas públicas da região metropolitana do Rio de Janeiro - Brasil.

Nas Escolas Municipais Pedro Rodriguez do Carmo e Joaquim da Silva Peçanha, ambas localizadas em Duque de Caxias/RJ – Brasil, acontece o projeto *Em Caxias a Filosofia Em-Caixa?!*, o qual participo como bolsista de iniciação à docência há cerca de três anos. Quando falar em filosofia com crianças, estarei dizendo sobre esse projeto, que juntamente com o livro *Em Defesa da Escola: Uma Questão Pública* (2013) se tornou o ponto de partida para que eu pudesse pensar sobre a criação.

O livro *Em Defesa da Escola: Uma Questão Pública* (2013), me parece dar algumas pistas de como a criação pode se fazer presente de maneira potencial. Isso é, como que se pode abrir caminhos, construir espaços e situações para que a criação possa se fazer presente de maneira mais potente na escola.

Masschelein e Simons, em seu livro, escrevem sobre a escola enquanto uma invenção grega que democratizou o *tempo-livre*. A *skholé* se trata de um tempo/espaço de estudo e prática, onde o conhecimento é colocado à disposição de todos de maneira igualitária em um tempo não produtivo. “Tempo livre’ – a tradução mais comum da palavra grega *skholé* -, isto é, tempo livre para o estudo e a prática oferecida às pessoas que não tinham nenhum direito a ele de acordo com a ordem arcaica vigente na época.”(Masschelein e Simons, 2013)

Já no início do livro podemos encontrar a palavra atenção quando os autores começa a dar pistas sobre o que seria a escola enquanto invenção grega (*skholé*). No livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (2013), Masschelein e Simons utilizam a palavra atenção em alguns momentos durante a escrita. Pelo o que é possível encontrar no livro a escola possuiria determinados aspectos essenciais para que possa ser considerada escola. Em primeiro lugar ela se trata não apenas de um espaço, mas também de um tempo, um tempo outro que não o econômico e político. Com suas próprias regras e leis, outras que da sociedade.

A atenção significa voltar olhos e ouvidos para aquilo que se encontra em sala de aula, como uma abertura para o mundo. Aquilo que aguça nossa curiosidade e nos faz estar presente. Os alunos se fazem atentos a matéria, vamos entender a matéria como o conhecimento que está fora do uso cotidiano, mas dentro do espaço/tempo escolar que consiste em primeiro lugar em um espaço de suspensão.

Masschelein e Simons afirmam que a escola deve suspender ou dissociar certos laços com a família do aluno, o ambiente social e a sociedade, para que possa apresentar o mundo aos alunos de maneira interessante e envolvente. A escola suspende a hierarquia e as ocupações sociais fornecendo aos jovens *tempo-livre*, independentemente de sua posição social. Ela surge como um espaço/tempo que retira os jovens de uma ordem desigual (social e econômica), permitindo que a criança esqueça as expectativas e as intenções da sociedade sobre ela, a deixando livre para ser simplesmente uma criança. Dizer que a escola hoje suspende a ordem social pode ser facilmente questionável, mas devemos lembrar que o que está em jogo aqui não é a escola enquanto instituição, senão ela em sua forma.

Entendendo que instituição escola se trata da *skholé* sendo domada pelos diferentes grupos sociais, políticos e/ou econômicos, tais grupos utilizam a escola segundo fins elaborados por eles mesmos na intenção de construir um novo mundo já planejado. Ou seja, eles tem a intenção de se servir da escola. Essa intenção mostra-se como um perigo que ameassaria as principais características que fazem da escola uma escola. Pois ela estaria sob o domínio de ideais elaborados intencionalmente de maneira que perderia sua característica fundamental, o de estar livre das demandas sociais, políticas e/ou econômicas, o *tempo-livre*.

Domar a escola implica governar seu caráter democrático, público e renovador. Isso envolve a reapropriação ou reprivatização do tempo público, do espaço público e do “bem comum” possibilitados por ela. Talvez não devêssemos ler a história da escola como uma história de reformas e inovações, de progresso e modernização, mas como a história de repressão; uma série de estratégias e táticas para dispersá-la, reprimi-la, coagi-la, neutralizá-la ou controlá-la.
(Masschelein e Simons, 2013)

A escola enquanto forma se trata da *skholé*, o que nos permite afirmar que a forma da escola é o *tempo-livre*. Ou seja, ela é o tempo/espaço onde se pode estudar por estudar, praticar por praticar. Sem que existam intenções predeterminadas ou resultados previstos por parte do mundo exterior à escola.

O controle escolar e a submissão da escola perante a ordem econômica é algo que podemos ver facilmente nos dias de hoje. Porém, esse fato não seria um privilégio da contemporaneidade. Segundo Masschelein e Simons, podemos encontrar em toda história da escola quem a quisera domar, pois sempre houve quem se sentiu ameaçado pelo *tempo-livre*. Talvez possamos nos perguntar até quando a escola conseguirá sobreviver a essa domaçaõ. No entanto, prefiro acreditar que sua forma habita a instituição. Que em meio o *domar* da escola, para além das intenções e de todo um aparato para doma-la, rachaduras, bolhas de ar e momentos livres são capazes de acontecer. Momentos em que podemos nos perguntar se o *tempo-livre* está presente. Momentos em que a forma habita a instituição.

O que está em jogo nesse texto é a escola enquanto forma, pois essa se encontra livre das amarras da sociedade e nesta é onde acontece o espaço que potencializa a criação. O que nos permite pensar que isso pode estar acontecendo nos buracos e rachaduras da escola.

A escola oferece o formato (ou seja, a composição particular de tempo, espaço e matéria, que compõe o escolar) para o tempo livre, e aqueles que nele habitam literalmente transcendem a ordem social (econômica e política) e suas posições (desiguais) associadas. (Masschelein e Simons, 2013)

Desse modo deve-se habitar a escola em seu formato, para que seja possível viver nela enquanto *skholé*. Habitar significa estar lá, se fazer presente. Ir à escola não bastaria. É necessário mais do que ir e ficar. É necessário estar de fato, se fazer presente entre as rachaduras, habitar sua forma, habitar a *skholé* presente na instituição. Habitar seu *tempo-livre*, sua *profanação*, sua *atenção* sua *suspensão*.

O conhecimento quando na sala de aula é separado da aplicação diária, tornando-se matéria e a matéria é senão o conhecimento libertado, separado, dos usos sociais. Ou seja, é um conhecimento suspenso, liberto e disponibilizado para todos. Permitindo que o aluno estude e pratique. Desse modo podemos perceber que a suspensão também se aplica ao conhecimento, ele também é liberado de uso social para estar em sala de aula.

A suspensão é a inaplicabilidade de requisitos “tarefas e funções que governam lugares e espaços específicos”(Masschelein e Simons, 2013) (família, trabalho, clube, lar, hospital). A suspensão torna algo inoperante temporariamente. Ela é um ato de desapropriação ou desprivatização que o retira de seu contexto normal, retirando-o da produção.

A suspensão está no tempo presente *o aqui-e-agora*, nas palavras dos autores, por isso, a escola também é responsável por suspender o tempo. É necessário que deixe o passado, se liberte dele assim como é necessário se desprender do futuro que se manifesta através de expectativas e se mostra inexistente ou predeterminado. Dessa maneira a escola chama os jovens para o tempo presente e os liberta da carga *potencial* do seu passado e da carga *potencial* do seu futuro. Para os autores a escola seria *um eterno meio sem fim*, pois quando estamos nela não é o tempo linear que rege, senão o próprio tempo escolar, que é o tempo presente.

Não importa quem são aquelas crianças fora da sala de aula, de que cultura vieram, quem são seus pais, onde moram. O mesmo acontece com o professor, ele é suspenso temporariamente do lugar onde estudou, de quem ele é filho ou o que pratica em seu tempo vago. O que está em jogo naquele momento é o presente, o estar ali, *o aqui-e-agora*. Naquele momento o que está em jogo é o que está entre eles, ou seja o que lhes é interessante.

Quando algo se torna parte do mundo, isso não significa que se torna um objeto de conhecimento (algo que sabemos sobre o mundo), que é, de alguma forma, somando à nossa base de conhecimento, mas sim que se torna um inter-esse (algo que não é nossa propriedade mas que é compartilhado entre nós). (Masschelein e Simons, 2013)

O professor leva à mesa aquilo que permanecerá entre os alunos e chamará seus sentidos para se tornarem atentos, focando a atenção naquilo que interessa. Ser atento significa se esvaziar de nossas intenções e permitir que o outro, seja ele quem quer que seja, possa nos habitar. Significa mais que olhar e ouvir, significa colocar todos os nossos sentidos a disposição daquilo que nos convida a pensar.

A filosofia com crianças é possível por meio da relação que ocorre com aquilo que é apresentado durante as experiências pelo professor. Coloca-se algo sobre a mesa, uma matéria, ou seja, um conhecimento que está fora da ordem social, está suspenso, ao mesmo tempo que se encontra presente e disponível para, a partir dele, surgir novas relações, conexões, pensamentos... Se torna um objeto de prática e estudo que será explorado durante os 50 minutos da aula de filosofia. O que está em jogo não é o saber e/ou aprender, mas sim a relação que se constrói com o saber a partir daquilo que é oferecido para ser pensado.

O professor escolhe o que lhe parece importante, o que se mostra presente para ele. O professor retira do mundo o que a velha geração diz ser importante, mas por outro lado ele

não presume o que deve ser feito com aquela matéria. Ela é oferecida, disponibilizada, colocada na mesa para que a nova geração (alunos) possa pensar sobre ela e com ela praticar e estudar.

Na medida em que o professor oferece o que será o ponto de partida da aula de filosofia, o objeto não mais pertence a sociedade, mas apenas àquela sala de aula, e está sob o julgo daquelas crianças, que tiram dele a inspiração dos seus pensamentos. O objeto apresentando se encontra entre todos e é o ponto de partida comum para o pensar filosófico.

O objeto posto à mesa no interior da sala de aula está em um tempo/espço de suspensão. Pois, não seguem mais o que a sociedade demarcou como limite. A velha geração (professor) apresenta aquilo que ela acredita ser importante, no entanto, o faz sem levar as regras sociais e econômicas para sala de aula e diz para os alunos que eles estão livres para fazerem uso de todas as possibilidades que podem surgir com o que foi apresentado. O conhecimento que se encontra presente naquela sala de aula está livre das amarras sociais para que tudo aquilo se mostre como possível possa ser feito.

A profanação é o terceiro conceito em que penso a partir de Masschelein e Simons. Profanação se refere ao tempo, lugar e coisas que são retiradas do seu uso habitual e colocadas à disposição de todos, “sujeito à (re)apropriação de significado” (Masschelein e Simons, 2013).

O conhecimento é desapropriado da geração mais velha e levado a escola como matéria disponível para uso novo e livre. O professor retira aquilo que lhe chama a atenção e leva para sala de filosofia. No contexto do projeto talvez possamos ter a liberdade de dizer que ele não apenas o retira algo importante da velha geração, mas retira do mundo tudo ou qualquer coisa que lhe toque e o faça pensar nas crianças. O professor se torna o representante da antiga geração na sala de aula, porém não é ele quem fala com a nova geração, senão aquilo que ele levou para sala de aula.

Desse modo as portas para a criação se abrem, na filosofia com crianças o que está em jogo é o pensar filosófico e podemos dizer que é a criação filosófica que se faz possível sob as características da atenção, profanação e suspensão, quando na filosofia com crianças. Pois não se diz o que se deve fazer com o material apresentado, mas se coloca atento a ele, atento as coisas que ele pode dizer, atento aos colegas pronto para darem pistas do que pode ser pensado.

A suspensão retira a carga social, política e econômica dos alunos, do professor e do conhecimento. Com isso a matéria se torna livre para ganhar novos significados, ela pode e

deve ser profanada. Os limites suspensos abrem caminho para que o outro e o novo possam acontecer. Qualquer coisa pode ser colocado à mesa: uma salada de fruta, uma mesa de degustação, Magrittes, Picassos, Dalís, copos meio cheios ou meio vazios, Foucault, Heráclito, Rodrigo, Marcos Vinícios ou Ágata. O que se deve observar é o quanto o que foi apresentado se mostra potente para o exercício do pensamento. Deve-se ter atenção no que foi apresentado, no diálogo que nasce pouco à pouco com as perguntas que são lançadas ao grupo. Perguntas que abrem caminho para a criação de novos pensamentos, para a criação outra do que está entre eles, do que lhes é interessante. Perguntas que profanam e fazem uso novo e livre.

Uma característica da filosofia, não apenas da filosofia com crianças, mas posso observar isso também em sala de aula, durante as aulas de graduação em filosofia ou quando estou com algum professor do curso e o assunto começa a se aprofundar o silêncio passa a habitar o lugar. Um silêncio que se faz presente, estressante, mas que ao mesmo tempo mostra como todos estão também presentes nele. Parece que por aqueles segundos eternos todos os que estão ali o habitam.

O silêncio é assim como a atenção, profanação e suspensão um dos pontos importantes que possibilita a criação. O silêncio é uma outra etapa, as três anteriores (profanação, suspensão e atenção) abrem caminho para alguma coisa se fazer possível. Elas formavam o ambiente adequado, reconfigurando as regras, apresentando algo em comum, os deixando libertos do mundo exterior e colocando as crianças ali, presentes, *aqui-e-agora*. Enquanto o silêncio chega para dizer que alguma coisa está acontecendo, ele afirma que existe algo. Algo ainda mal entendido, mal falado, não muito claro. Mas que foi lançado e todos estão buscando dentro de si a absorção das informações, para quem sabe, algo possa transbordar.

Creio que para fazer filosofia com crianças é necessário partir de um pressuposto essencial, o da igualdade das inteligências. O pressuposto que *todos são capazes de...* não é provado cientificamente, ele é senão uma crença. Crença permite de não ser carregado o peso do seu passado para a escola nem mesmo a certeza de um futuro, pelo contrário, abrem caminhos para reinventar o mundo e a forma de habitá-lo.

Mas o que seria a tal filosofia com crianças senão uma reinvenção de mundo? Mello, no livro *A escola pública aposta no pensamento* (2012), um livro feito por professores e participantes da filosofia com crianças, escreve sobre o ar diferente que se faz presente nas crianças e na escola com a presença da filosofia. Um ar que nasceu a partir do pensar filosófico.

O que venho pensando é que talvez a criação possa ser como esse ar que nasce com o estudo e prática de todos. Uma criação filosófica de si e do mundo que acontece não apenas em mim e por mim, mas por um conjunto de coisas que primeiro abrem caminhos, depois denuncia que algo está por vir, ou que ao menos está acontecendo e que no final tudo parece outro em um mundo que talvez não tenha mudado.

Referências Bibliográficas:

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana (orgs.) 2012 *A escola pública aposta no pensamento* Belo Horizonte Autêntica Editora

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. 2013 *Em defesa da escola: uma questão pública* Belo Horizonte Autêntica Editora

RANCIÈRE, Jacques. 2005 *O Mestre Ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução: Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora

___1988 *Ecole, production, égalité* In: RENOUE, Xavier. *L'école de la démocratie*. Paris: Edilig, Fondation Diderot